

# ILUSTRAÇÃO



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA  
DA «ILUSTRAÇÃO»  
R. d'Alegria, 30 — Lisboa  
REDAÇÃO  
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)  
Telef. N. 873

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOÃO DA CUNHA DE RÇA

DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>  
R. Garrett, 73, 75—Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO  
Rua Anchieta, 25  
Telef. C. 1084

ANO 4.º — NÚMERO 76

16 DE FEVEREIRO DE 1920



O ENTRUDO DE 1929

VÁRIOS ASPECTOS DO «CORSO» NA AVENIDA DA LIBERDADE E DOS PEQUENINOS MASCARADOS, AS DUAS NOTAS CURIOSAS DOS FESTEJOS CARNAVALESÇOS DÊSTE ANO

(Fotos «Ilustração»). 9

## ...E SE FIZESSEM EM PORTUGAL O HOLLYWOOD DA EUROPA?

### REPORTAGEM IMAGINÁRIA Á CINELAN- DIA PORTUGUESA NO ANO DE 1947

(Conclusão)



Estava uma manhã radiosa, e a brancura do casario espelhava flechas douradas do sol que a chapeava...

E reflecti... Desde que entrara na Cinelândia, a capital do filme europeu — não topara ainda com uma única nota significativa da sua actividade produtora... Nem um *studio*, nem uma *troupe* filmando ao ar livre, nem um camião conduzindo scenários — nem sequer um operador ajojado com a máquina de *prise-de-cues*.

E pensando assim — feriu-me os ouvidos o retinir estridente de uma campainha... Revoltei-me, rápido — deparando com um cinema todo forrado de cartazes, anunciando, para a *matinée* que se começava dentro de meia hora — as últimas super-produções da Cinelândia...

Curioso paradoxo... Um cinema na Cinelândia... Um cinema que começava os seus espectáculos às dez da manhã! E tinha público — público *pagante*... Composto de quem? Das famílias dos negociantes, da dos artistas, dos pretendentes, dos aspirantes a casos — que iam ver o trabalho dos outros... E alinhavam-se frente ao *guichet* da bilheteira. Os cinemas da Cinelândia não transigem com borlas, nem ao mais pintado...

...Era tempo de começar a visita pela zona dos *studios*. Marginando os passeios centrais do *boulevard* enfileiravam-se centenas de *taxis*... Avancei para um deles e ordenei...

— Para o bairro dos *studios*...

O *chauffeur* teve um sorriso especial — o sorriso que os porteiros das caixas de teatro costumam ter para os neófitos que ambicionam invadir o reino proibido do palco...

— Bairro dos *studios*? exclamou. — Não entendo...

— ?...

— Os *studios* não estão em nenhum bairro... Construíram-nos em volta da cidade...

— ?

— A estrada de Berlim? A estrada de Londres? Estrada de Edison? Estrada Pathé? São estes quatro caminhos que fecham a Cinelândia... E de cada um deles partem várias estradas, com outros *studios* em direcção da serra, em direcção de Cascais... A rua Griffith... O *boulevard* Gaumont... A Estrada Madrid... Escolha o freguez a quele aonde quer ir... Ou diga-me qual é o *studio* que deseja visitar... O de Svenska? É na Estrada Central... O da UFA é na...

— Não tenho destino determinado — interrompi eu. — Meta o carro às estradas de cintura...

— Seja...

Subi para o *taxi*, que começou rodando, *boulevard* acima, tomando de permeio a rua transversal — Unter den Linden. Era uma

artéria mais estreita que o *boulevard*, mas mais movimentada e toda enfaixada de réclames gigantescos, berrantes de cor...

Súbito, tamborilei com os dedos nos vidros da janela, para mandar parar o carro. E que descobrira, frente a um hotel, um grupo que me pareceu *bastante cinematográfico*. E era-o — de facto. O *metteur-en-scène* e dois operadores trabalhavam dentro do *hall* objectivando, através dos cristais da porta, a rua. Sobre o passeio, dois homens discutiam ameaçadores e... mudos, enquanto uma rapariga, modestamente vestida, chorava, angustiada. Se não fossem as maquiagens, que davam aos rostos um estranho colorido, os artistas e a scena ter-se-iam confundido com qualquer acidente vulgar da cidade...

Os transeuntes passavam — mas não estavam... Fosse por estarem muito habituados a estas representações ao ar livre, e elas já não conseguissem despertar curiosidade; fosse porque, estando todos os habitantes da Cinelândia, mais ou menos integrados na cinematografia, compreendessem os prejuízos que causam a um filme a papalvice do público que assiste a uma filmagem — a verdade é que, artistas e directores trabalhavam em absoluta tranqüilidade, como se estivessem defendidos por uma muralha.

Voltei ao *taxi* que partiu, buzinando ruidosamente... Cinco minutos depois descobríamos numa estrada: a Estrada Edison.

O *chauffeur* voltou para a subir em direcção do sul... A largura do caminho pode ser calculada pela da nossa Avenida da Liberdade... Admirável calçamento, liso como um *ring*...

E eu, de pé, ia espreitando por cima dos muros, dos tapumes... Aqui, um formigueiro de operários erguia uma praça medieval; mais além, encarapitados num andaime, rematavam uma torre, gémea da de Londres; acolá, a grande distância dum *studio*, mas dentro do terreno muralhado, alguns milhares de homens trajando como guerreiros napoleónicos, pelejavam em fúrias...

...Percorrida a Estrada de Edison, voltamos à esquerda... Pouco depois passávamos frente à porta principal da cidade — a porta por onde tinha entrado — e afastamo-nos dela no sentido da serra... Uma nova estrada, lisa e branca, se nos deparou — igualmente flanqueada de *studios*: era a Estrada Pathé... Cine-Romans, Gaumont, Aubert, Albatros — eram os letreiros que, de tempos a tempos vinham berrar a cores, a monotonia do branco ripolinizado dos muros e dos tapumes...



Só ao meio dia, quando o estômago fazia comêcio para exigir o respeito pelos seus direitos, é que me resolvi a regressar à city para almoçar. E o *chauffeur*, que sorria sempre do meu pasmo infantil ante o maravilhoso da capital do cine, ao travar o carro frente ao *Central-Lunch-Room*, avison-me:

— E o senhor não viu nem metade...

Muita gente a quem a feitiçaria dos descritivos jornalísticos embuxou de ambições cinematográficas — não ousa aproximar-se da realidade dos seus sonhos, supondo que a vida dos *studios* reduz o seu pessoal a uma verdadeira escravidão...

Não é bem assim...

De facto, os habitantes da Cinelândia não estão disciplinados ao mesmo horário das outras cidades — mas, nem por isso êles abdicam das suas horas de alegria e divertimento, tão merecidas, ao cabo de uma jornada esfaufante de trabalho...

As manivelas dos *prises-de-zues* começam habitualmente a moverem-se, às sete e meia da manhã... Há directores que exigem que os artistas sejam mais madrugadores ainda — mas também há os que só iniciam o trabalho cêra das nove... O pessoal dos *studios* — maquinistas, carpinteiros, electricistas, entram habitualmente uma hora antes dos artistas... Estes, calculando as surpresas da maquiagem e as demoras dos arranjos e vestimentas, instalam-se nos camarins, meia hora antes da apresentação no *plateau*... E, assim, a vida da Cinelândia começa às seis e meia... As seis horas abrem os estabelecimentos — existe sempre quem necessite fazer compras, antes de entrar nos *studios*... Pouco depois começam os cafés e os bares a serem invadidos: é a hora do pequeno almoço, do copo de vinho do Porto, predilecto mata-bicho para a maioria da população cosmopolita da Cinelândia...

Das nove ao meio-dia, decrece o movimento na city... Em todo o caso, as suas principais artérias não se despovoaam por completo. Os visitantes, os turistas, os curiosos, os que não trabalham naquele dia, os que estão em férias, os que não entram na película em filmagem, os sem contrato, os aspirantes, os que vêm tactear terreno, os «borboletas» do clarão, os imaginadores de argumentos — toda uma fauna que consegue, nas horas de trabalho, liberdade para compras, passeio, bebericagem, palestras nos terraços ou para assistir a uma sessão de cinema ou uma primeira *matinée* de teatro ou circo...

Ao meio-dia, a hora do almoço, a vida da cidade é sacudida numa agitação quasi epiléptica... Dificilmente se consegue um *taxi* na praça... Os autos rodam, em vertigem e em grande barulheira de buzinas e de *klaxons*... Os *studios* despejam-se e os *restaurants*, os *bars*, os *lunch-rooms* coagulam-se de gente que entra, em correria... Os primeiros conquistam lugar sentado... Os outros — têm que comer de pé...

Mas a nota mais excêntrica dessa hora da Cinelândia é a mescla de trajos com que os comensais se apresentam... Japoneses, granadeiros napoleónicos, págens florentinos, fra-des, oficiais russos, peles vermelhas, *apaches* parisienses, polícias *yankees*, mouros, persas, mundanas, rainhas de corôas salpicadas de pedrarias, gente de todos os países, de tôdas as épocas, de tôdas as modas...

E Cinelândia, sob esta invasão pitoresca



e variada, dá impressão de uma enciclopédia... pela imagem...

Terminado o almoço — nas proximidades da uma e meia — de novo os *taxis* irradiam para a zona cinematográfica, levando os artistas e todo o pessoal do *studio*, já confortado com a segunda refeição...

Fica de novo a pavonar-se pela city o pessoal inactivo... As cinco, descem do bairro da Cinestrela os astros em repouso — que encham as casas de chá onde têm *rendez-vous* com os colegas que conseguiram libertar-se mais cedo do *plateau*... As sessões do cinema são mais concorridas...

É a hora em que se lêem jornais; a hora dos encontros, dos *flirts*, dos primeiros *charlestons* nos *dancings* do Boulevard e da Unter den Linden... As sete — jantam... Os jantares na Cinelândia dão sempre a impressão de um banquete de anos ou de homenagem... É frequente o *champagne*. As oito... teatros, românticos passeios de auto até Sintra ou Cas-

cais, umas voltas de dança — e às onze faz-se noite em toda a cidade... As portas ondulasdas correm simultaneamente... Apagam-se as montras e os anúncios luminosos... Ficam os polícias e alguns *chauffeurs*...

Das onze da noite às seis da manhã — vão sete horas... Sete horas de sono não é muito para quem deve trabalhar, no dia seguinte, uma média de dez horas...

São nove horas da noite... Vou abandonar Cinelândia, onde permaneci dois dias, aconselhando impressões para dezenas de crónicas... Subo, a pé, o *Boulevard*... Tomo o eléctrico na Porta da Cidade, que contemplo ainda, durante alguns minutos...

O eléctrico parte... A minha esquerda ergue-se a serra... Salpicam-na dezenas de arcos voltaicos... Chega até aos meus ouvidos, dezenas de fonógrafos fungando danças modernas...